

Real forte prejudicou conta externa

■ Economista diz, em seminário da Firjan, que capital estrangeiro não vem contribuindo para o balanço de pagamentos

BIANCA DEO

Os investimentos diretos comemorados continuamente pelo governo oneram a conta de pagamentos do país e engessam a sua política macroeconômica. Foi o que mostrou ontem o economista da Uficamp, Luciano Coutinho, a uma plateia de empresários no seminário *Empresas Brasileiras no Século XXI*, promovido pela Firjan. "O governo comemora a entrada de capital estrangeiro como um fato importante. A questão é que esses recursos oneram a balança de pagamentos, acentuando seu déficit devido às remessas de lucros e dividendos", explicou.

De uma maneira geral, disse, nos primeiros anos da década o capital estrangeiro no Brasil contribuía positivamente para a balança de pagamentos. Em 1989, a soma dos investimentos estrangeiros na indústria no Brasil apresentava um saldo positivo de US\$ 3,3 bilhões, chegando, numa trajetória ascendente, a US\$ 3,7 bilhões em 1992.

Câmbio – Mas, a partir de Plano Real, a sobrevalorização da moeda brasileira em relação ao dólar mudou esse quadro. Segundo o economista, há pelo menos três anos, o fluxo desse capital se reverteu. Em 1997 esse conjunto de multinacionais já havia passado para o vermelho e produziram um déficit de US\$ 500 milhões. Isso significou um impacto de quase US\$ 4,3 bilhões na balança comercial no período. "Com o câmbio que existia as empresas substituíam a produção doméstica por insumos importados e pararam de exportar".

No entanto, Coutinho pondera que, com a flexibilização do sistema cambial no ano passado, esse fluxo de recursos pode estar sendo

revertido. "Infelizmente não temos dados precisos, mas as indicações são de que o caminho de volta é muito lento", disse.

A questão torna-se mais delicada, segundo Coutinho, porque o fluxo dos investimentos nos últimos dois anos vem se concentrando basicamente no setor de serviços e infra-estrutura, segmentos que não são exportadores e, portanto, em nada contribuem para o desempenho da balança de pagamentos. "O processo de desnacionalização da economia foi longe demais. Chegamos a uma situação limite, o déficit na conta de serviços já está em US\$ 25 bilhões e vai continuar a crescer. Entramos em 2000 com um passivo externo bruto que alcança US\$ 420 bilhões", disse.

Limite – Por isso, ele defende que o governo limite o processo de desestatização a setores potencialmente exportadores, para que o capital estrangeiro não venha a se tornar mais um problema para o país. "O governo precisa fazer um esforço para que o capital estrangeiro chegue em setores que geram exportações". Segundo Coutinho, a única maneira para o país crescer sustentadamente é definir uma política clara para o comércio exterior, substituindo as importações por exportações, com crescimento a taxas superiores a 10% ao ano.

Também presente ao evento, o empresário Antônio Ermírio de Moraes disse que o caminho para o desenvolvimento do país está no desenvolvimento de setores potenciais como agricultura e turismo e na melhora da distribuição de renda, o que em última instância levaria à diminuição do trabalho informal, da violência e do consumo de drogas.